

Doutor Gilberto Bercovici¹

Em tempos de pensamento neoliberal hegemônico, qual é o motivo de se reeditar, no Brasil, uma obra escrita em Portugal, no início da década de 1970, intitulada *Do Capitalismo e do Socialismo?* O livro reproduz o debate público travado, por meio de entrevistas e artigos publicados em periódicos portugueses (*Jornal do Fundão* e revista *Vértice*), entre o primeiro Prêmio Nobel da Economia (1969), o holandês Jan Tinbergen (1903-1994) e o então jovem assistente da Faculdade de Direito de Coimbra, o português António José Avelãs Nunes.

Tinbergen foi Professor da Universidade de Roterdam e Chefe do Planejamento Central da Holanda, um dos responsáveis pela reconstrução econômica do país após a guerra e a ocupação alemã, autor de várias obras, muitas delas traduzidas para o português ou o espanhol, como, por exemplo: *Economic Policy: Principles and Design* (North-Holland Publishing Company, 1956, de que há uma tradução em espanhol, México, Fondo de Cultura Económica, 1961); *Central Planning* (Yale University Press, 1964, de que há uma tradução brasileira, Editora Atlas), além da obra (em parte sobre o seu pensamento) *Tinbergen Lectures on Economic Policy* (North-Holland Publishing Company, 1963).

António Avelãs Nunes é agora Professor Catedrático da Faculdade de Direito de Coimbra (da qual já foi Diretor) e é hoje Vice-Reitor da Universidade de Coimbra. Autor de inúmeras obras, destaque, dentre as publicadas no Brasil, *Neoliberalismo e Direitos Humanos* (RJ, Renovar, 2003), *Industrialização e Desenvolvimento* (SP, Quartier Latin, 2005) e *Uma Introdução à Economia Política* (SP, Quartier Latin, 2007).

O ponto central do debate entre Tinbergen e Avelãs Nunes é a tese, defendida pelo Professor holandês, da “convergência dos sistemas”. Para Tinbergen, escrevendo na década de 1970, os Estados ocidentais não seriam mais propriamente capitalistas, dada a participação elevada do setor público em suas economias e a prática do planejamento indicativo, nem os Estados do Leste europeu seriam rigorosamente socialistas, com as tendências de descentralização de suas economias que estarima ocorrendo. Tinbergen, então, defende a ideia de que não haveria um capitalismo ou um socialismo puros, mas economias mistas que tenderiam a se compatibilizar em torno de princípios comuns.

¹ Prefácio do Doutor Gilberto Bercovici (Professor da FD/USP) para a 1ª edição brasileira do livro de António José Avelãs Nunes *Do Capitalismo e do Socialismo*, Florianópolis, Fundação Boiteux, 2008.

Vinculado à social-democracia holandesa, Tinbergen abandona a perspectiva reformista da construção do socialismo pela via pacífica e democrática, para defender o modelo de uma espécie de “capitalismo social”, de raízes solidaristas, fundado na idéia de *economia social de mercado*.

Segundo a crítica de Avelãs Nunes, Tinbergen retira qualquer potencial emancipatório do socialismo, ignorando as diferenças entre os dois sistemas, especialmente no que diz respeito à propriedade dos meios de produção, além de enxergar o Estado como uma instituição *neutra*, que paira acima das classes e dos grupos sociais. No fundo, segundo Avelãs Nunes, seria uma falsa convergência, pois o “sistema misto” defendido por Tinbergen em suas características essenciais é capitalista, com a manutenção da lógica privada da propriedade dos meios de produção, da acumulação de capital e da repartição do excedente.

Neste mesmo sentido, Carlos Lessa (em seu importante trabalho *O Conceito de Política Econômica: Ciência e/ou Ideologia?*, Campinas, UNICAMP-IE-Instituto de Economia, 1998) critica Tinbergen com argumentos semelhantes aos de Avelãs Nunes. Para Lessa, Tinbergen entende o Estado como um ente supra-social, que consegue agir de modo coerente em várias frentes simultâneas. Para tanto, basta que a teoria econômica contribua para esta ação coerente do Estado, preferencialmente pela planificação, tornando-se uma espécie de “ciência oficial” que garante a maior eficácia da política econômica. O papel da teoria econômica é, para Tinbergen, o de estudar a coordenação dos objetivos escolhidos politicamente e propor a relação adequada entre meios e fins, cuja viabilidade deve ser sempre técnica, mediante o uso de modelos.

Retomando a pergunta inicial, eis a importância e o motivo da reedição deste livro: demonstrar que o debate sempre é possível, que não existem soluções eternas ou mágicas. Pelo contrário, é a História que demonstra a precariedade destas concepções. Em uma época de deslumbramento neoliberal, em que vigoram a frase célebre de uma primeira-ministra inglesa, “There is no alternative”, e os arautos do “fim da História”, Avelãs Nunes nos prova que, assim como na década de 1970, há sempre alternativas e possibilidades emancipatórias, desde que se tenha coragem intelectual para trazê-las ao debate público.